

‘Sem deixar de falar a nossa língua e sem deixar a nossa cultura morrer’: uma entrevista com Cláudia Ferraz, da Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro/AM¹

‘Without ceasing to speak our language and without letting our culture die’: an interview with Cláudia Ferraz, from the Wayuri Network of Indigenous Communicators of Rio Negro/AM

‘Sin dejar de hablar nuestra lengua y sin dejar morir nuestra cultura’: una entrevista a Cláudia Ferraz, de la Red Wayuri de Comunicadores Indígenas de Río Negro/AM

Deyse Moura²

¹ Entrevista realizada em São Gabriel da Cachoeira-AM, em 20 de março de 2024.

² Jornalista, doutora em Média-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal. Pós-doutoranda no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sendo bolsista pelo Programa de Pós-Doutoramento para Pesquisadoras e Pesquisadores Negros

Submetido em: 23/09/2024

Aceito em: 28/10/2024

Figura 1 - Cláudia Ferraz



Foto: Acervo do Instituto Socioambiental (ISA)

A Pandemia de Covid-19 trouxe relevantes mudanças na forma como comunicamos e consumimos informação no Brasil. Nesse período, vimos o podcast se tornar uma das principais ferramentas comunicacionais do país (MOURA, 2024). O crescimento vertiginoso do formato nos últimos anos, devido a fatores como a convergência tecnológica do rádio, possibilitada pela internet (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008); o maior acesso a aparelhos smartphones e computadores; e a popularização dos agregadores gratuitos de áudio, dentre outros³, propiciou o surgimento de produtos em áudio que, naquele momento histórico de emergência sanitária, seriam essenciais para a sobrevivência de muitas comunidades.

Grupos populacionais localizados à margem das práticas tradicionais mercadológicas da comunicação passaram a produzir seus próprios conteúdos a fim de se informarem no

Brasileiras/os da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento da Universidade de São Paulo, edital 01/2023. E-mail: deyse.moura@gmail.com.

³ Era de ouro dos Podcasts. Disponível em: <<https://gente.globo.com/estudo-podcasts-de-ouro/>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

enfrentamento ao corona vírus, a exemplo de diversos povos indígenas. Nesse sentido, a Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro teve especial destaque. Constituída com o apoio da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e do Instituto Socioambiental (ISA), a Rede Wayuri foi criada em novembro de 2017 e é composta por comunicadores indígenas de oito etnias: Baré, Baniwa, Desana, Tariana, Tukano, Tuyuka, Wanano e Yanomami.

O projeto teve início com os comunicadores indígenas, que atuam como correspondentes, produzindo boletins de áudio com notícias de interesse das 750 comunidades rionegrinas, que circulavam por meio do *Whatsapp*, de radiofonia e de transmissão de arquivo por *bluetooth* ou aplicativos como *ShareIT*, além de disponibilização no *Spotify*. Atualmente, a Wayuri conta com uma rádio *online*⁴, e segue ampliando espaços para a divulgação cada vez mais profícua de informações que impactam diretamente os 24 povos da região, criando, assim, soluções locais para as demandas comunicacionais, a partir da compreensão de significados localizados, próprios de seus contextos (GEERTZ, 2014).

Em 2020, o coletivo recebeu o título de Herói Mundial da Comunicação, concedido pela entidade Repórteres Sem Fronteiras. Em 2021, ganhou o Prêmio Estado de Direito 2022, do World Justice Project (WJP), na cidade de Haia, na Holanda, durante o Fórum Mundial de Justiça, em reconhecimento pela inovação e o combate à desinformação na Amazônia brasileira. A atuação da Rede também foi registrada em documentário produzido pelo ISA e premiado em diversos festivais⁵.

A dinâmica da Rede Wayuri vem sendo estudada por pesquisadores da área de comunicação e apontada como uma das principais representações da etnomídia indígena no país na atualidade. Essa forma particular de apropriação dos meios para o exercício de uma comunicação em defesa dos direitos e em preservação das culturas e ancestralidade dos povos indígenas, produzida por e para eles (NASCIMENTO, 2021), de acordo com Tupinambá (2024), é responsável pela promoção de uma mídia inclusiva e participativa, a partir da construção coletiva de uma produção de saberes.

⁴ RÁDIO ONLINE WAYURI. Disponível em: <<https://radiowebwayuri.blogspot.com/?m=1>>. Acesso em: 15 set. 2024.

⁵ ANA AMÉLIA HAMDAN. Instituto Socioambiental. Documentário “Wayuri” ecoa vozes indígenas da Amazônia. Assista! Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/documentario-wayuri-ecoa-vozes-indigenas-da-amazonia-assista>>. Acesso em: 15 set. 2024.

Informação e ancestralidade, memória espiritualidade e resistência são tecidos juntos. A etnomídia e a etnomultimídia se enraízam da comunicação ancestral e contemporânea, possibilitando aos indígenas relatarem suas próprias experiências, ao invés de depender de intermediários que, frequentemente, não compreendem a profundidade de nossas culturas. (TUPINAMBA, 2024)

Em visita à sede da Wayuri na FOIRN, em São Gabriel da Cachoeira, pude conversar com uma das fundadoras e articuladoras da rede Wayuri, Cláudia Ferraz. A comunicadora contou um pouco de sua trajetória e falou sobre o sentimento de representatividade que a rede proporciona às comunidades que alcança e que, inclusive, em plena Década Internacional das Línguas Indígenas⁶, podem contar com conteúdos traduzidos e narrados nas principais línguas maternas dos povos que habitam os caminhos do Rio Negro: o Nheengatu, o Baniwa, o Tukano e o Yanomami.

Revista Internacional de Folkcomunicação: Eu gostaria de começar pedindo para você se apresentar, seu nome, o que você faz, etnia... Pode falar tudo o que quiser sobre você.

Cláudia Ferraz: Eu me chamo Cláudia Ferraz, sou do povo Wanano, sou moradora aqui mesmo do município de São Gabriel da Cachoeira, nasci aqui. Mas a minha raiz está lá pelas bandas da Coordenadoria das Organizações Indígenas do Distrito de Iauaretê. É onde habitam os povos Wanano, Tariano, Tukano, Arapaso... enfim, é uma mistura, né? Os meus pais são do Distrito de Iauaretê e o meu pai é de Arara-Cachoeira; é onde habitam os Wananos. E eles vieram para cá, para São Gabriel da Cachoeira, justamente para procurar um lugar onde pudessem trabalhar para poder criar os seus filhos. Porque, na época, onde eles estavam, não tinham condições suficientes. Aqui a gente ficou, daqui a gente nunca saiu, e fiz meu ensino médio, tudo por aqui. Quando terminei o ensino médio, estava abrindo uma seleção para trabalhar em rádio. Não tinha experiência nenhuma e, no dia da seleção, era uma fila enorme com várias pessoas que já tinham trajetória em rádio, curso, e eu não tinha nada. Então resolvi me arriscar. Para minha surpresa, eu acabei passando em todos os testes e fui uma das selecionadas para ser a voz feminina. Eu ocupei essa vaga. Eu gosto de falar que eu acho que a minha primeira paixão no

⁶ UNESCO. 2022 - 2032 International Decade of Indigenous Languages. Disponível em: <<https://idil2022-2032.org/>>. Acesso em: 8 maio. 2023.

ramo da comunicação foi rádio. Sempre gostei de fazer e trabalhei durante cinco anos na rádio AM; depois eu fui para uma rádio FM; depois fui para uma rádio comunitária.

Nesse meio todo, acabei conhecendo uma revista chamada Viração, que trabalha com essa questão de educomunicação, que é de São Paulo. E era uma revista feita para jovens, por jovens de todas as regiões, de todos os estados do Brasil, e eu me interessei. Essa revista também faz parte da minha vida, da minha trajetória de comunicação, porque foi através dela que eu criei o meu primeiro e-mail. Entrei em contato com eles, falei que eu tinha visto a revista, que achei muito interessante. Eles ficaram superfelizes e assim começou o contato. Eles já me abriram porta para várias coisas. Eu comecei a participar de encontros estaduais, nacionais, conhecendo outros jovens de outros estados, fazendo coberturas colaborativas a nível nacional representando a juventude indígena. A gente criou um pequeno núcleo de jovens comunicadores daqui que eram os “vira-jovens”, que a gente chamava na época. Eu fui às escolas, chamei os grêmios estudantis e a gente fundou um grupo de comunicação, porque quando eu trabalhei em rádio eu senti uma coisa além da grade da programação da rádio; eu senti que faltava, digamos, uma abertura para a juventude indígena, para poder falar sobre pautas de juventude indígena, sobre o que eles pensam, para debater, para falar uma série de coisas relacionadas aos direitos da juventude indígena.

Mobilizei as escolas, apresentei o projeto para os professores, diretores, e eles abraçaram. A gente criou essa turma de grêmios de estudantes das escolas estaduais daqui do município. Como eu aprendi muita coisa com a Viração, eu fazia oficinas de educação e comunicação nas escolas. E a gente criou um programa, no qual eles faziam jornal mural, fanzine, a gente gravava um podcast, curtinho, que era um informativo educacional onde o pessoal do Grêmio Estudantil trazia todas as informações da escola. A gente tocava nos 15 minutinhos da hora do intervalo. Para mim foi uma experiência muito grande.

Depois disso, fiz o curso de licenciatura em Letras e Língua Portuguesa pelo núcleo da Universidade Estadual do Amazonas, que veio aqui para São Gabriel da Cachoeira, e me formei em 2019.

Figura 2 – Cláudia Ferraz em seu primeiro trabalho na radiodifusão



Foto: Acervo pessoal da entrevistada

RIF: E como foi o surgimento da Rede Wayuri, sua participação nesse processo...

CF: Eu sempre participava das reuniões que a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) fazia, principalmente voltadas ao público jovem, porque aqui dentro tem o Departamento de Adolescentes e Jovens Indígenas (DAJIN). Como eles iam criar a Rede Wayuri de Comunicação Indígena do Rio Negro, a coordenadora do DAJIN, na época, falou: “Cláudia, a Federação e o ISA estão pensando em criar uma rede de comunicadores. Quando eles falaram como queriam fazer, a única pessoa que me veio à cabeça, que tem esse perfil, que se encaixa, é você. Porque você já tem uma experiência nisso, eu já vi seu trabalho, acho que você poderia entrar nesse grupo”. Eu só trabalhava aqui no município, e falei “Gente, uma rede de comunicadores indígenas, trabalhar com comunicadores do território, nosso território é grande, abrange três municípios, é uma responsabilidade muito grande!”.

Particpei da primeira formação, que foi em novembro de 2017, lá no ISA. Vieram 16 comunicadores do território e quem fez a nossa formação foi a Letícia Leite, que era do *Copiô*, *Parente?*; e a Renata Machado e o Anápuàka Tupinambá, da *Rádio Yandê*. Foi muito legal. O

projeto todo já foi desenhado para ser o *Boletim de Áudio Wayuri*; apresentaram as propostas, explicaram o objetivo, a importância dessa rede, como iria funcionar. Na primeira formação a gente já fez o nosso primeiro boletim, com a participação dos 16 comunicadores; cada um trouxe uma informação da sua comunidade, do seu território. Eu entrei e já fui encarregada de ser, digamos, a editora e a produtora da edição do boletim. O meu papel sempre foi de mobilizadora, articuladora, essas coisas.

Desde a primeira formação, a gente sempre fazia uma vez por mês o Boletim de Áudio Wayuri. A cada ano que passava, ia aumentando o interesse e o número de participantes das formações; foi aumentando para 20, 22, 25, e agora acho que a gente está com uns 60 comunicadores espalhados, sabe?

Figura 3 – Comunicadores da Rede Wayuri reunidos para primeira oficina de formação



Foto: Acervo pessoal da entrevistada

RIF: A pandemia de Covid foi um momento marcante para o trabalho da Rede Wayuri, não foi?

CF: Durante a pandemia a gente não deixou de trabalhar; era um período bem mais delicado, mas também muito importante, em que a gente, de fato, deveria levar as informações. E foi um período que a gente trabalhou muito em equipe, com os profissionais de saúde. Eles não conseguiam transmitir as informações relacionadas aos cuidados, o que eu poderia fazer. Eram palavras muito técnicas, os nossos parentes não estavam conseguindo entender; foi daí que a gente passou a utilizar mais as línguas maternas, também. Bem, a gente sempre utilizou, mas nessa fase a gente focou mesmo; a gente fazia boletins especiais, chamadas curtas, passavam aqui pelo carro de som, também para alertar a população. A gente fez nas quatro línguas maternas que são mais faladas: Nheengatu, Baniwa, Tukano e Yanomami.

Os nossos comunicadores faziam a tradução, sempre com apoio dos profissionais de saúde, e a gente também usava a radiofonia para transmitir as informações. Foi uma época de um trabalho realmente bem colaborativo, que cada um trouxe algo. Para a gente também foi um momento muito importante... e os nossos parentes nos davam esse retorno. Eles falavam “Olha, essa informação agora eu entendi, porque eu estou ouvindo na minha língua”; agora, quando eles não entendiam, eles mandavam repetir ou perguntar para o próprio profissional de saúde. A gente transmitia para ele em português e ele repassava em português, e a gente passava para o nosso comunicador, que traduzia já na língua.

A Rede também aproximou muito os jovens indígenas da sede [da FOIRN] dos jovens indígenas das comunidades, porque a gente que mora aqui tem uma visão totalmente diferente da dos jovens ou das mulheres que moram lá dentro [das comunidades]. Teve uma aproximação, uma procura para saber de fato o que a Federação faz, o que o ISA faz. Isso, para mim, como comunicadora indígena da sede, me ajudou bastante; eu também cresci muito com os nossos colegas, porque eu acabei conhecendo como é rico o nosso território, nossa língua. Gosto de dizer para as pessoas que parece que eu aprendi muito mais com eles, de coisas que eu não sabia da minha própria região, da minha própria origem. Foi através da Rede Wayuri que me deu aquela curiosidade, de ir lá aonde os meus pais nasceram, conhecer, ver como era. E, nos meus primeiros anos da Rede Wayuri, eu fiz questão de ir nessas coordenadorias, para ver de

perto e sentir na pele como é a vivência deles, como é essa logística, que é tão difícil, de vir dessas comunidades para cá e para subir de volta. De ver de perto realmente o que eles passam, as necessidades, as dificuldades que eles têm. Isso me abriu muito os olhos, em relação a esse cuidado que a gente tem que ter quando a gente fala de nós mesmos.

Porque, geralmente, vêm muitas pessoas de fora que fazem entrevistas e veem coisas mais superficiais e quando elas vão colocar ou postar em algum lugar, elas colocam, às vezes, coisas muito distorcidas. Então, os parentes mais velhos, eles olham a gente e falam assim: “Vocês são nossos jornalistas”. É como se eles se sentissem à vontade, tipo assim, vocês nos representam, vocês que falam por nós, vocês levam as nossas vozes. Então, acho que a Rede traz também esse peso, essa responsabilidade muito grande, porque é uma representação que leva os 24 povos.

RIF: Com o tempo de existência da Wayuri, o que foi mudando na forma de vocês distribuírem esses informativos?

CF: Em 2017 foi bem desafiador. Dentro do território não tinha tantos pontos de internet como tem hoje em dia. A gente usava várias alternativas: aproveitava quando havia viagens da federação para dentro do território, comprava *pen drives*, selecionava os boletins e mandava; ou quando os comunicadores vinham para cá, a gente baixava no celular, colocava para eles pelo aplicativo, eles levavam, distribuíam e eles sempre davam retorno que estavam ouvindo naquelas “bocas-de-ferro”, como eles chamam, que eles têm por lá e que funcionam como “rádio poste”. Quando eles têm aquelas reuniões comunitárias que acontecem todo final de semana, ou um mutirão, onde está todo mundo por perto, eles colocam lá na caixa de som para o pessoal poder ouvir.

A gente utilizava muito essa logística, esperava alguém vindo ou alguém indo para lá, para mandar o material. Nesses dois ou três primeiros anos foi bem assim. Se não dava, se acontecia alguma coisa, a gente usava a radiofonia, entrava em contato com a unidade, e já transmitia o que tinha de conteúdo no boletim ao vivo, falando as principais informações.

Nosso trabalho foi evoluindo, do boletim de áudio, uma vez por mês; durante a pandemia, a gente foi para a rádio, porque a gente achou muito necessário levar as informações. Foi

comprado um horário numa rádio FM local, para levar mais as questões de alerta à Covid, com mais entrevistados da área da saúde, em um programa chamado Papo da Maloca, que teve boa audiência e a gente resolveu continuar e já tem três anos de existência. Ele vai ao ar somente às quartas, das dez ao meio-dia. Só que essa rádio só pega localmente aqui no município e em algumas comunidades ao redor. As mais distantes não conseguem captar.

Então, outro sonho era de ter uma rádio online que pudesse chegar dentro do território, com o avanço dos pontos de internet nas comunidades, onde os comunicadores também estão. Para poder facilitar essa comunicação, a gente participou de dois projetos que ajudaram bastante na compra dos equipamentos, da mesa. Tudo está pegando, a gente consegue os retornos dos parentes que estão nas comunidades, e agora a gente está nesse ramo da rádio online, e vamos começar a fazer de novo os boletins informativos, só que bem mais curtos, com a participação dos nossos próprios comunicadores de base.

Nas nossas formações, a gente ouve muito eles, porque a formação é muito construída junto com eles, para saber o que eles querem aprender, o que eles querem conhecer, qual o meio de comunicação que para eles é importante. A gente sempre faz essa avaliação.

RIF: Vocês passaram então pelo podcast, pelo rádio e agora estão online. Como você acredita que esses formatos da Wayuri complementam uns aos outros?

CF: Os boletins, que não são ao vivo, e a programação que é ao vivo, no rádio online, eu acho que se complementam porque, no caso, eles ouvem realmente ao vivo, sentem a emoção, a voz das pessoas no ar, podem estar também ali ouvindo as entrevistas. Isso é o legal do ao vivo. Diferente do boletim, que foi gravado, enviado. Às vezes são algumas informações que já foram, já aconteceram. Eu acho que é um pouco diferente, mesmo assim também traz aquela emoção.

O que é diferente numa transmissão online ao vivo é que o ouvinte pode interagir com o entrevistado, com a gente, fazer alguma pergunta ou avisar “Olha, vai acontecer um evento hoje na minha comunidade, e eu quero transmitir para todos das outras comunidades saberem desse evento”; ou quando ele quer trazer uma informação de imediato para um parente que está aqui na cidade, do tipo “Eu estou descendo amanhã, me espere”, sabe?

Isso me lembra que antigamente, lá na Rádio Municipal, onde eu trabalhei, tinha um programa chamado “Vozes do Rio Negro”, que era mais institucional. E tinha um quadro que se chamava “Mensageiro para o Interior”, em que o parente enviava cartinha, comunicando “Eu tô descendo tal dia, por favor me aguarde, eu tô levando farinha e peixe”. Sabe, comunicados simples e ao mesmo tempo engraçados. “Você que sumiu, por favor, me dê notícia, que a gente tá preocupado aqui na comunidade”. Na rádio online a gente vai trazer essa interação de volta, que é uma coisa muito importante, essa conexão do interior com a sede. Não precisa trazer cartas e ficar lendo, mas dá para ler por mensagens agora. Acho que mostra essa evolução da cartinha escrita para o digital, ou mandando áudio. Eu acho que é isso, a gente vai observando evolução relacionada à comunicação e vai se adaptando a esse meio. Como eu gosto de falar para a equipe: é mostrar que a gente também é capaz; que a gente consegue dominar uma mesa de som, uma mesa de áudio; a gente consegue falar num microfone; a gente consegue fazer um vídeo no celular, mandar um áudio. A gente pode, a gente tem essa capacidade.

A gente vai se adaptando nesse mundo de tecnologia, do podcast, e vai trazendo os elementos de acordo com a nossa realidade aqui da região, com a cara da Rede Wayuri, a cara da região do Rio Negro. Não é algo assim definido, a gente vai criando, vendo se nossos parentes curtiram, se não curtiram, a gente muda a estratégia e vai inventando.

Figura 4 – José Paulo e Cláudia no estúdio da Wayuri, na FOIRN, em São Gabriel da Cachoeira



Foto: Moura (2024)

Deyse Moura: E você falou que, quando o conteúdo de vocês é falado nas línguas maternas, tem um apelo especial. Como é que os anciãos veem o trabalho de vocês?

Claudia Ferraz: A gente tem um certo cuidado na hora das traduções, porque como aqui é um território de línguas diversas, isso também trouxe aprendizado para a Rede Wayuri. São quatro principais línguas, então “Bora gravar”. Só que, quando foi para lá, vimos que os mais velhos usam aquela língua *do tempo deles*. É diferente dos jovens que falam agora, em um outro formato. Então, os anciãos nos retornam: “Não, esse aqui não tá certo”, e a gente corrige. Geralmente, quando a gente vai fazer as traduções, os nossos comunicadores realmente procuram os mais velhos para saber se é essa palavra mesmo, se está correto.

Quando a gente começou a fazer isso, a gente passou a perceber que tem essa variação e que a gente tem que ter o cuidado de levar as informações certas, porque o nosso público que vai ouvir também são os nossos anciãos, são os mais velhos, eles querem ouvir na língua deles, eles também são exigentes. As variações também podem mudar essas informações. O que é ouvido

em uma região é diferente para a outra. E a gente faz esse trabalho coletivo antes de publicar, de passar por eles, antes que eu possa finalizar. A gente sempre teve muito esse cuidado, tanto no Yanomami, tanto em Baniwa, tanto em Nheengatu, tanto em Tucano. A gente sempre procura ir a fundo em relação a isso. Mas o retorno é bom, é legal. Eles falam que gostam muito de ouvir na língua porque, para eles, é mais valoroso, porque traz essa questão da identidade.

A gente nunca pensou que iria ouvir nesse meio de comunicação, em rádio, em algum lugar, alguém falando a nossa língua ou nos representando ali dentro. Geralmente é só português, e parece que a gente fica sendo obrigado a aprender ou a falar português e a gente deixa de falar e entender nossa própria língua.

Quando algum ancião vem contar história na língua, eles se identificam, gostam de ouvir a narração. Eu acho que traz isso, essa questão dos nossos antepassados que passaram por aquela situação de não poder falar a língua, de não poder isso, de não poder aquilo, e de a gente tentar trazer para o agora a nossa língua, os nossos costumes, as nossas culturas, tentando sobreviver nesse meio de mudanças, de tecnologia, de várias coisas. A gente vai se adaptando, mas sem deixar de falar a nossa língua e sem deixar a nossa cultura, a nossa diversidade morrer. Tentando sobreviver nesse mundo.

Figura 5 – Cartaz pintado à mão dando as boas-vindas a quem adentra o estúdio da Wayuri, em português e nas quatro principais línguas faladas pelos povos indígenas da região

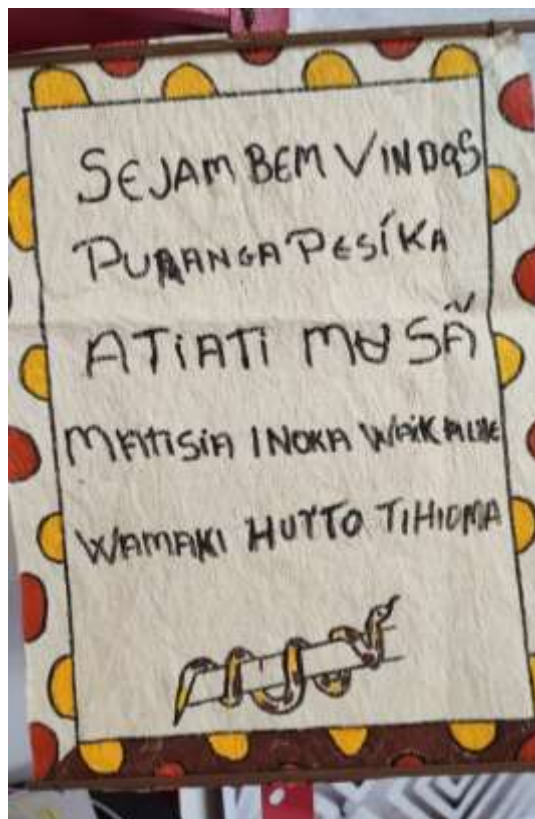


Foto: Moura (2024)

Referências

FERRAZ, C. (2024, março). **Entrevista**. São Gabriel da Cachoeira - Amazonas. 60 min.

GEERTZ, C. **O saber local**. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A “**geração podcasting**” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista FAMECOS*, v. 15, n. 37, p. 101–106, 27 jan. 2008.

MOURA, D. A. DE. **Tecendo histórias: um bate-papo sobre paixão por rádio, pautas inclusivas e a era de ouro dos podcasts com Paula Scarpin, idealizadora da Rádio Novoel**. *Revista Alterjor*, v. 29, n. 1, p. 3–16, 27 fev. 2024.

NASCIMENTO, L. G. **Etnocomunicação Indígena como Prática de Liberdade Decolonialista e Ancestral**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

TUPINAMBA, A. **Jornalismo e Povos Originários: O Papel Transformador da Etnomídia Indígena**. Disponível em: <<https://radioyande.com/jornalismo-e-povos-originarios-o-papel-transformador-da-etnomidia-indigena/>>. Acesso em: 4 jul. 2024.